

MARIA DE LOURDES DE MORAIS

PSICO-SÓCIO-TERAPIA E A MOEDA SOCIAL

**INPG – INSTITUTO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO
UNIKP – UNIVERSIDADE LIVRE KEPPE E PACHECO
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GESTÃO DA
PSICO-SÓCIO-PATOLOGIA**

SÃO PAULO

2013

MARIA DE LOURDES DE MORAIS

PSICO-SÓCIO-TERAPIA E A MOEDA SOCIAL

Monografia apresentada como exigência para a conclusão do Curso de Pós-Graduação *lato sensu* em Gestão da Psico-Sócio-Patologia perante a Faculdade INPG e o INPG – Instituto Nacional de Pós-Graduação e a UNIKP – Universidade Livre Keppe e Pacheco, sob a orientação do Prof. Me. Ricardo Alves de Lima.

SÃO PAULO

2013

FOLHA DE APROVAÇÃO

INPG – INSTITUTO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO
UNIKP – UNIVERSIDADE LIVRE KEPPE E PACHECO

PSICO-SÓCIO-TERAPIA E A MOEDA SOCIAL

Monografia apresentada pela aluna **Maria de Lourdes de Moraes** ao Curso de Pós-Graduação lato sensu em Gestão da Psico-Sócio-Patologia.

Orientador: Prof. Me. Ricardo Alves de Lima

Aprovada com a nota _____

SÃO PAULO

2013

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a todas as pessoas do planeta
que lutam pela justiça e verdade na sociedade.

AGRADECIMENTOS

Agradeço aos drs. Norberto Keppe e Cláudia Pacheco por toda a ajuda que forneceram e fornecem, a nós e à humanidade; pela ciência trológica que desenvolvem e que possibilita lidar terapêuticamente com a sociedade através da conscientização, principalmente da inversão psicológica; a meu esposo, companheiro de longa data, José Ortiz Camargo Neto, pela consciência, incentivo e ajuda neste trabalho; também aos meus amigos e amigas trológicos, pela amizade e apoio em muitos países; agradeço aos professores do Curso de Pós-graduação, em especial à professora Eunice Sousa Guimarães pelo acompanhamento ao nosso estudo durante este curso, e ao professor Ricardo Alves de Lima, pelos ensinamentos e grande entusiasmo com as descobertas do trabalho de dr. Keppe em lidar com o ser humano. Não poderia deixar de mencionar meus pais, Manoel Tertuliano de Moraes e Irinéia Maria da Silva, que pela educação e exemplo ensinaram seus filhos a ajudar as pessoas a nossa volta que estão precisando, fazendo tudo que é possível para diminuir os sofrimentos dos menos favorecidos; e também a todas as pessoas, familiares ou não, que direta ou indiretamente ajudaram a realizar este trabalho.

“A humanidade constitui uma grande família, e ninguém conseguirá se sentir bem, se enxergar seus parentes passando privação na soleira de sua porta - porque ele próprio, por força da injustiça social, poderá estar na mesma situação amanhã.”

(KEPPE, Norberto. *Trabalho e Capital*. São Paulo, Proton Editora, 1981, p. 31)

RESUMO

Este trabalho constitui um estudo dos benefícios socioeconômicos trazidos pelas moedas sociais, bancos comunitários e redes de trocas, utilizando como método de análise a ciência da psico-sócio-terapia keppeana. Analisa como o uso dessas práticas alternativas tem contribuído para a diminuição da desigualdade social e a propulsão do desenvolvimento econômico, e como a moeda social constitui um meio legal e previsto na Constituição Federal do Brasil de 1988, de promover a justiça social, erradicar a pobreza e fomentar o desenvolvimento. Estuda como ela vem sendo usada junto com as redes de trocas e os bancos comunitários (com o diferencial principal de que estes não cobram juros e funcionam como o apoio da comunidade). Inclui-se neste estudo a análise de experiências práticas da economia solidária ocorridas em Cambuquira (MG), baseadas nas concepções trilógicas, que expandem a possibilidade de ampliar os benefícios da economia alternativa para um alcance também psico-sócio-terapêutico, através da conscientização. Propõe-se ainda ser um guia simples, destinado ao público em geral, mas que possa ser usado especialmente pelos educadores, com sugestões de atividades como meio de estimular os alunos a estudarem, discutirem e praticarem essas salutares iniciativas da economia alternativa.

PALAVRAS-CHAVE: moeda social; rede de trocas; economia trilógica.

ABSTRACT

This paper is a study on the socio-economic benefits brought about by alternative currencies, community banks and trade networks utilizing Keppean science of psycho-socio-therapy for analysis method. It analyses how the use of such alternative practices have been contributing for decreasing social inequality and propelling economic development, as well as the way complementary currencies are a legal means set forth in the 1988 Brazilian Federal Constitution to promote social justice, eradicate poverty and foment development. It studies how these currencies have been utilized by trade networks and community banks, with the main differential of not charging interest fees and the support provided to communities. The paper also estimates some practical experiences on solidarity economy based on trilogical conceptions occurred in Cambuquira (MG), which may expand the benefits of alternative economies into psycho-socio-therapeutic domains through the process of conscientization. Intending to be a simple guide for the general public, specially educators, it suggests some activities to encourage pupils to discuss and practice such salutary initiatives of the alternative economy.

KEYS WORD: alternate currencies; exchange networks;
trilogical economy.

SUMÁRIO

RESUMO	04
INTRODUÇÃO.....	08
CAPITULO 1 – Moedas Sociais, Bancos Comunitários e Redes	
de Trocas: A Economia Alternativa Atual	10
1.1 O Que São Moedas Sociais	10
1.2 O Que são Bancos Comunitários	11
1.3 O Que São Redes (ou Feiras) de Trocas	11
1.4 Histórico da Economia Alternativa no Mundo.....	12
1.4.1 Moeda Social: Experiências Pioneiras no Séc. XX	12
1.4.2 Redes (ou Feiras) de Trocas	14
1.5 Histórico no Brasil.....	15
1.6 Legislação e as Moedas Sociais	15
CAPÍTULO 2 – Visão Histórica dos Sistemas Econômicos Tradicionais	
à Luz da Psico-Sócio-Patologia.....	21
2.1 A Visão de Hubberman, Galbraith e Keppe	21
2.2 O Capitalismo	23
2.3 O Comunismo (Capitalismo de Estado)	25
2.4 Problemas Econômicos Atuais	26
CAPÍTULO 3 – Correlação Entre a Patologia do Setor Econômico	
e os Modelos de Educação Atuais	27

CAPÍTULO 4 - Trino e Mercatrino: A Experiência	
Trilógica em Cambuquira (MG)	31
4.1 Histórico.....	31
4.2 Renascimento pelas Artes.....	32
4.3 O Trino.....	32
4.4 O Mercatrino	33
4.5 Usuários do Trino (Entrevistas)	34
4.5.1 C. F.....	34
4.5.2 R.S.....	34
4.5.3 J.C.	35
CONCLUSÕES.....	37
BIBLIOGRAFIA.....	39
ANEXOS.....	43

INTRODUÇÃO

O tema deste trabalho refere-se à análise do uso da moeda social em inúmeros países, incluindo o Brasil, como instrumento de diminuição da desigualdade social e de propulsão do desenvolvimento econômico das pessoas, famílias e da coletividade, funcionando uma parte delas com amparo de bancos comunitários, outra parte sem bancos, em sistema de associações e clube de trocas.

Para a consecução desta análise, utilizaram-se a pesquisa bibliográfica e em sites especializados na internet, entrevistas com pesquisadores internacionais e a própria vivência internacional de trabalho e de ensino da autora, bacharel em ciências econômicas, diplomada pela Universidade Brás Cubas, empresária há 27 anos, nos Estados Unidos, Europa e Brasil, vivendo e trabalhando como sócia no inovador modelo de empresas e residências trilógicas, criado por Norberto Keppe. Contribuiu ainda para a realização deste trabalho sua experiência como professora de economia em cursos técnicos, lecionando para jovens e adultos, em São Paulo – o que a levou a propor que os educadores criem atividades pedagógicas (oficinas de conscientização) que ajudem as crianças, jovens e mesmo adultos a compreender a importância da economia solidária e da moeda social para a melhoria da qualidade de vida da população.

A pesquisa contempla quatro capítulos, sendo o primeiro um histórico da economia alternativa no Brasil e no mundo. Neste capítulo apresenta-se o que são moedas sociais, bancos comunitários e redes de trocas; faz-se um histórico da economia alternativa no mundo desde as iniciativas em Schwanenkirchen, na região da Baviera, Alemanha, em 1930, e outra em 1932, na cidade de Wörgl, na Áustria, até os dias atuais (2013). O histórico abrange as feiras de trocas, ou rede de trocas, ou ainda clubes de trocas (denominações diferentes para o mesmo fenômeno), que surgiram no Canadá nos anos 1980. O capítulo traz ainda um histórico da moeda social e bancos comunitários no Brasil, desde seu início, com a moeda social Palmas, em Fortaleza, no ano de 1998, até os dias de hoje, quando já existem mais de 80 moedas sociais circulando no país. Finalmente, faz uma exposição da legislação atinente às moedas sociais, aspectos legais e constitucionais que asseguram o direito ao uso desse instrumento de justiça social.

O Capítulo 2 constitui uma análise da crise econômica pela qual passamos na atualidade (2013), estudando-se um histórico de suas causas à luz da ciência da psico-sócio-patologia. Analisam-se aqui as duas principais doutrinas econômicas ortodoxas (capitalismo e comunismo, com suas variantes), as quais, em que pese alguns elementos corretos que algumas delas possam conter, demonstram ter falhado fragorosamente no estabelecimento da paz e justiça econômico-social no mundo.

No capítulo 3, faz-se uma correlação entre a patologia do setor econômico e os modelos de educação atuais, identificando-se que todos esses problemas da economia são mantidos e agravados pelo tipo de educação existente na civilização atual (em todos os países) a qual não é conscientizadora da psicopatologia (portanto sendo alienante) nem é voltada para o empreendedorismo e o uso honesto do dinheiro em prol da comunidade. Contudo, mostra-se que, se a educação for reformulada para se tornar conscientizadora, terapêutica e atraente, resultados muito diferentes podem ser obtidos em toda a vida social, incluindo o modo de trabalho e o uso do dinheiro, pois o povo constitui a maior riqueza de qualquer nação, e é nele que se deve concentrar o maior investimento de qualquer país..

No quarto e último capítulo, aborda-se a experiência da moeda social trológica em Cambuquira (MG), dentro de um projeto mais amplo da Associação STOP a Destruição do Mundo, fundada por Norberto Keppe e Claudia Pacheco, de recuperar a cidade e a região através do trabalho e das artes. Os resultados práticos nesta cidade possam ser “exportados” para outros municípios em igual processo de dificuldades.

Finalmente alinhamos algumas sugestões aos professores do ensino fundamental, médio e universitário, no sentido de que o estudo das moedas sociais, bancos comunitários, redes sociais e a ciência da psico-sócio-patologia façam parte do currículo estudantil desde a infância, como único modo de despertar a verdadeira cidadania e alcançar o progresso e bem-estar social.

CAPÍTULO 1

Moedas Sociais, Bancos Comunitários e Redes de Trocas: Histórico da Economia Alternativa Atual

1.1 O Que São Moedas Sociais

Entre as muitas definições de moeda social, uma em especial elucida com muita clareza seu significado e sua finalidade. Trata-se da conceituação apresentada pela dra. Marusa Freire, Coordenadora-Geral do Centro de Estudos Jurídicos da Procuradoria-Geral do Banco Central, durante o VI Seminário Nacional de Microfinanças em Porto Alegre, 15 de junho de 2007:

Moedas Sociais são sistemas criados e administrados por grupos sociais, para viabilizar a realização de pagamentos, trocas ou transmissão de obrigações entre os membros de uma determinada comunidade (Lei 10.214/01) (...) Um sistema de moeda social é uma convenção (contrato) entre os membros de uma dada comunidade para utilizarem, como meio de troca, algo que não seja a moeda nacional com o propósito de viabilizar o acesso a bens e serviços que seriam inacessíveis sem o seu uso. Não têm curso forçado, nem poder liberatório assegurado por lei. Ninguém está obrigado a aceitar uma moeda social ou a participar de um sistema de moedas sociais. São personalizadas (ou customizadas), sistemas estruturados juridicamente conforme os propósitos a que os participantes do grupo social pretendem alcançar. A moeda social tem como base o primado do trabalho e como objetivo o bem-estar e a justiça sociais (Ordem Social - art.193, CRFB)¹

Dra. Marusa esclarece que é uma nova maneira de promover a integração das pessoas ao mercado de trabalho (art. 203, CRFB), e que busca a valorização do ser humano como sujeito e finalidade da atividade econômica, obedecendo a

¹ FREIRE, Marusa *“MOEDAS SOCIAIS O que são, como funcionam e por que podem ser consideradas instrumentos de desenvolvimento local”*.

<http://www.slideshare.net/luizdenis/apresentao-banco-central-moedas-sociais>

Acessado em 16/12/12)

princípios da justiça social, solidariedade, cooperação, autogestão, cuidados com o meio ambiente e responsabilidade com as gerações futuras, entre outros.²

1.2. O que são Bancos Comunitários

Para quem estuda este assunto é preciso esclarecer que os chamados bancos comunitários são diferentes dos tradicionais, tendo uma estrutura de funcionamento diversa.

Ao contrário dos bancos tradicionais, que utilizam o mecanismo “dinheiro fazendo dinheiro”, através dos juros e especulação, os bancos comunitários não cobram juros e têm a finalidade de facilitar e gerir o uso das moedas sociais.

Os bancos comunitários também poderiam ser chamados de bancos sociais, pois só trabalham com a moeda alternativa.

Assim, Bancos comunitários são serviços financeiros de natureza associativa e comunitária, voltados para reorganizar economias locais, com base nos princípios da economia solidária.

Seus objetivos, conforme explicação do Banco Palmas (o primeiro banco comunitário do Brasil) são promover o desenvolvimento de territórios de baixa renda, através do fomento à criação de redes locais de produção e consumo, auxiliando empreendimentos sócio-produtivos, de prestação de serviços, de comercialização (bodegas, mercadinhos, lojas e feiras solidárias e organizações de consumidores e produtores). Para implantar um banco como esse, é necessário que a implantação seja gerenciado por uma organização da sociedade civil comunitária. Ex.: OSCIP, sindicatos dos trabalhadores rurais e também outras categorias.³

1.3 O que São Redes (ou Feiras) de Trocas

São associações de pelo menos dez pessoas, que levam periodicamente a um local combinado bens e serviços para trocar entre si, como alimentos caseiros, roupas, livros, objetos usados; alguns oferecem serviços como aulas de idiomas, de

² Dra. Marusa Freire, tese de doutorado

http://repositorio.bce.unb.br/bitstream/10482/9485/1/2011_MarusaVasconcelosFreire.pdf (Acessado em 14/1/13)

³ www.bancopalmas.org (Acessado em 14/01/13).

violão, corte de cabelo, manicures, limpeza ou pintura de casas, cuidar de animais ou fazer compras. Os bens são oferecidos entre os associados da maneira que melhor lhes aprouver dentro do espaço do clube, podendo ser usadas, por exemplo, barraquinhas. Para facilitar as trocas, equilibrando os valores, pode ser utilizada uma moeda social específica, e até o serviço de um banco comunitário. Obs.: Essas feiras podem ser feitas pela internet, sem necessidade de um local físico específico.

1.4. Moeda Social e Rede de Trocas: Experiências Pioneiras no Séc. XX

1.4.1 Moedas Sociais

Os problemas econômicos trazidos pela crise de 1929, agravados pelas destruições ocasionadas pela 1ª Guerra Mundial, motivaram a busca de soluções não ortodoxas para a economia, pontificando, entre elas, a utilização de moedas sociais. Uma das iniciativas pioneiras no início do século 20 ocorreu no ano de 1930, em Schwanenkirchen, na região da Baviera, Alemanha, e outra em 1932, na cidade de Wörgl, na Áustria. Segundo Búrigo:

Apesar da imposição das moedas nacionais ter sido uma das estratégias mais evidentes do sistema capitalista, ao longo dos últimos três séculos, alguns exemplos de moedas alternativas foram registradas . (...) No ano de 1930, em Schwanenkirchen, um proprietário de uma mina de carvão endividado propôs pagar seus empregados com um bônus chamado de “Wara”. (...) Os comerciantes acabaram aceitando tais bônus dos trabalhadores, devido à carência de marcos, moeda oficial, na cidade. Com os bônus nas mãos, os comerciantes começaram a convencer os seus fornecedores a aceitá-los, fazendo crescer rapidamente o espaço de circulação do Wara. Em 1931, quando cerca de 2000 empresas já participavam do circuito, o Banco Central alemão interditou o sistema, alegando o seu monopólio da emissão de moeda.⁴

Ou seja, essa excelente iniciativa foi extinta pelo poder econômico, através dos detentores da moeda oficial.

⁴ BÚRIGO, Fábio Luiz. *Moeda social e a circulação das riquezas na economia solidária*) <http://www.ifil.org/rcs/biblioteca/burigo.htm> (Acessado em 16/12/12).

Discursando no Senado sobre o Wära, e a necessidade da moeda social para erradicação da miséria, assim se pronunciou o senador Eduardo Matarazzo Suplicy:

Não gerava juros e era uma moeda local, portanto, uma medição de escambo, lastreado pelo carvão. Os operários refizeram sua vida, construíram estradas, pontes, ruas durante o tempo em que o Wära existiu, saindo, assim, da miséria. Quando o Banco Central da Alemanha soube da moeda, que já tinha sido copiada em 2000 comunidades, entrou em pânico e colocou-a na ilegalidade. A miséria voltou imediatamente.⁵

Em seu trabalho, Búrigo narra uma experiência semelhante ao Wära, que ocorreu em 1932, na Áustria, onde o prefeito da comunidade de Wörgl (4.300 habitantes), enfrentando uma taxa de desemprego de 35%, resolveu imprimir bilhetes bancários especiais:

Dois anos mais tarde, Wörgl era a primeira vila austríaca a reencontrar o pleno emprego. Com o uso dos bilhetes, a Prefeitura viabilizou a realização de diversos trabalhos de infra-estrutura na cidade (serviços de água, estradas, reflorescimento...). (...) os bilhetes circulavam cerca de quarenta vezes mais rápido que a moeda oficial, em virtude da taxa de juros negativa. Com isso, mais de duzentas comunidades vizinhas resolveram seguir o exemplo de Wörgl. Quando a experiência estava virando um centro de referência para os economistas, o Banco Central austríaco resolveu interditar o sistema.⁶

Acrescenta o estudioso que, no ano de 1933:

O relato da experiência de Wörgl, efetuado por um professor da Universidade Yale (Irving Fischer), impressionou cerca de 400 vilas norte-americanas, que resolverem criar suas "moedas de emergência", como forma de combater a recessão econômica. A ideia desencadeou um movimento em defesa da expansão desse tipo de moeda para todo o

⁵ Pronunciamento do senador Eduardo Suplicy no Senado Federal, sem revisão do orador, sobre o texto de João Joaquim de Melo Neto, criador do Banco Palmas, enviado a ele e à Ministra do Desenvolvimento Social e Combate à Fome, Teresa Campelo.
<http://www.senado.gov.br/atividade/plenario/sessao/disc/getTexto.asp?s=031.2.54.E&disc=14/1/S> (Acessado em 16/12/12).

⁶ BÚRIGO, Fábio Luiz. *Idem* nota 2.

território dos Estados Unidos, envolvendo, inclusive, parlamentares e técnicos do governo. No entanto, as moedas livres foram abandonadas não por serem inviáveis tecnicamente, mas por pressupor uma forte política de descentralização e enfraquecimento do poder federal, o que entraria em choque com os novos ideais de centralizar e controlar a economia, trazidos por Roosevelt através do New Deal (Lietaer, 2000) ⁷



Moeda social da experiência de Wörgl. - Áustria⁸

1.4.2 Redes (ou Feiras) de Trocas

As feiras de trocas, ou rede de trocas, ou ainda clubes de trocas (denominações diferentes para o mesmo fenômeno) surgiram no Canadá nos anos 1980, tentando: proporcionar uma economia solidária, substituindo o lucro, a acumulação e a competição pela solidariedade e pela cooperação; valorizar o trabalho, o saber e a criatividade humana e não o capital e sua propriedade; buscar um intercâmbio respeitoso com a natureza, conforme artigo de Mariana Lacerda, Priscilla Santos e Yuri Vasconcelos, para a revista *Vida Simples*. Tendo como fonte Felipe Bannitz, coordenador técnico da Incubadora Tecnológica de Cooperativas Populares da Fundação Getúlio Vargas, intitulado “Como organizar uma feira de trocas solidárias”,⁹ indicando alguns passos para formar essas feiras, entre eles os seguintes:

1. Reunir ao menos dez participantes que possam levar bens e/ou serviços para trocar.
2. Definir a data, a periodicidade e o local da feira de trocas;
3. Criar uma moeda social, para facilitar as trocas, com nome e identidade visual próprios, que não tem valor fora da feira.
4. Imprimir cerca de 50 unidades por pessoa;

⁷ *Idem* nota 4

⁸ Imagem constante do artigo de Adir Tavares, “Experiência de moeda social”, publicado por Luis Nassif em seu site, dia 11-1-2013 <http://www.advivo.com.br/blog/luisnassif/a-experiencia-da-moeda-social> (Acessado em 12/01/13).

⁹ *Apud* www.planetasustentavel.abril.com.br/.../conteudo_408616.sh (Acessado em 12.01.13).

Organizar um banco dos associados, que compra com a moeda social uma cota dos produtos ou serviços durante a feira. Essa é a forma de colocar as moedas em circulação para a feira começar. Por isso, as pessoas devem se dirigir ao banco logo na chegada (os produtos ou serviços adquiridos pelo banco, por sua vez, podem ser revendidos na própria feira ou vendidos fora dela, e os recursos obtidos, usados na organização do próprio evento). 5. Definir o valor dos produtos ou serviços levados para trocar. Cada feira cria seu próprio parâmetro de valores em moedas sociais. 6. Levar também materiais recicláveis para vender ou doar ao banco. No primeiro caso, o banco vende os resíduos à indústria da reciclagem. No segundo, ele os doa para cooperativas de catadores. 7. Guardar no banco as moedas sociais que sobrarem. Você irá recebê-las de volta na edição seguinte da feira.

Nota-se, nesta explanação, uma diferença (no item 4) em relação ao modo de uso da moeda social, numa perspectiva da ciência de Keppe. Na forma acima, a pessoa tem acesso à moeda social através da compra, pelo banco, de parte de sua mercadoria. Na visão trilógica, o recebimento de moedas sociais deve ser feito em recompensa a trabalhos prestados à comunidade; assim, para ter as moedas e poder efetuar as compras, a pessoa associada do clube de trocas precisaria antes prestar algum trabalho comunitário, ou aos demais. Este modo valoriza o trabalho, pondo-o como início de tudo.

1.5. Histórico no Brasil

A primeira moeda social, criada no Brasil chamou-se Palma e surgiu em Fortaleza, Ceará:



Essa moeda surgiu em Palmeiras, um bairro pobre de Fortaleza com uma história singular.¹⁰ Seus 30 mil habitantes foram desalojados à força de onde estavam (perto da praia) e empurrados para um local distante e deserto. Da necessidade em que passaram a viver surgiu a criatividade para contornar a situação.

Eles estavam morando bem perto da praia, mas a Prefeitura resolveu fazer na região uma zona fototurística. Pressionados pela especulação imobiliária, os moradores foram desalojados pela municipalidade para um terreno baldio na periferia da cidade, situado a mais de vinte quilômetros do mar!

O bairro foi nomeado Conjunto Palmeiras, conquanto não se avistasse nenhuma palmeira. O terreno foi loteado e cada morador recebeu um pedacinho de terra. E isso foi tudo.

Não havia estradas, ruas, eletricidade, nem esgoto.

Os moradores organizaram então uma associação para melhorar as condições de vida do bairro. Essa associação coletou dinheiro e alugou uma escavadora, iniciando obras de coleta e tratamento de esgoto

A associação chama-se ASMOCONP (Associação dos Moradores do Conjunto Palmeiras) e criou um banco comunitário, com uma moeda de circulação local. O negócio deu certo, e atualmente a ASMOCONP tem um edifício próprio no centro do bairro que funciona como ponto de encontro dos moradores.

O edifício da ASMOCONP é usado para uma série de iniciativas que visam melhorar o bairro. Uma delas é abrigar o Banco Palmas, onde foi implantado o crédito mútuo, o qual através de subsídios, garante a implantação de microcrédito.

É Joaquim Melo, coordenador do Banco Palmas, quem explica a iniciativa:

O Banco Palmas (1998), primeiro banco comunitário do Brasil criado no Conjunto Palmeira, um bairro popular da periferia de Fortaleza, idealizou a moeda Palmas, à qual denominamos “moeda social local circulante”.

Como o próprio nome expressa, essa moeda social, de circulação restrita ao bairro (e lastreada em reais), tem como único objetivo o desenvolvimento socioeconômico da comunidade, uma vez que serve para estimular o consumo nos empreendimentos locais.

¹⁰ História essa que pode ser acessada em www.bancopalmas.org (Acessado em 14/01/13)

Seu “dono” é a própria comunidade, representada por um banco comunitário, administrado por uma entidade de natureza associativa e comunitária, que vem identificada na própria moeda, com nome, endereço e telefone.

Ao mesmo tempo, Palmas não reivindica ser uma “segunda moeda”, pois, para isso, teria que reconhecer que existiria uma primeira com sua semelhança. O Brasil não precisa de uma outra moeda. A que nós temos (os reais) já nos basta. Ela cumpre bem o papel para a qual foi criada (comprar, poupar, acumular, aplicar, especular...).

As moedas sociais circulantes dos bancos comunitários não têm esses propósitos, não objetivam lucro, nem se consideram uma moeda paralela. Elas são um ativo de caráter econômico e pedagógico, que traz em si os valores de uma outra economia (a economia solidária) e buscam, através dos laços de cooperação entre os moradores, ajudar na criação de redes locais, onde todos na comunidade ganham quando produzem e consomem uns dos outros,” ¹¹

Os próprios moradores do bairro, na sua maioria jovens entusiasmados, cuidam dos serviços bancários estes ainda contam com a ajuda de algumas pessoas, que não pertencem ao bairro mas que são muito motivadas

Com o banco comunitário e a moeda social, foram criados vários empreendimentos populares, como o Palma Fashion, pensado para ajudar mulheres que vivem excluídas da sociedade. No ateliê, elas recebem uma nova chance. O Palma fashion é um sucesso. As roupas que elas fazem são vendidas antes de estarem prontas. Vários jovens desempregados também receberam ajuda para montar uma empresa de material de limpeza: o Palmalimpe.

Vários proprietários locais com a ajuda do microcrédito firmaram-se no mercado. Ex.: o salão do bairro, em um ano passou de 1 a 3 funcionários (300% de crescimento) e estava se mudando para um local maior

Em vários outros negócios do bairro pode-se pagar com o PalmaCard, ou a moeda social Palmas, e há muito verde, também dentro das casas.

¹¹ MELO, Joaquim, “*Uma segunda moeda agora pode?*”, postado em 11/07/12, acessado em 16/12/12, <http://empreendedorsocial.blogfolha.uol.com.br/2012/07/11/uma-segunda-moeda-agora-pode/> . (João Joaquim de Melo Neto Segundo, coordenador do Banco Palmas e do Instituto Palmas, neste artigo denuncia o surgimento de uma segunda moeda com nome estrangeiro (Dotz) e publicidade intensa, cuja origem é desconhecida, inquietando os que trabalham com a moeda comunitária real.

Lá os moradores têm uma chance de produzir para seu próprio consumo na forma de jardins comunitários, o que dá uma visão totalmente diferente do bairro e dos próprios moradores.

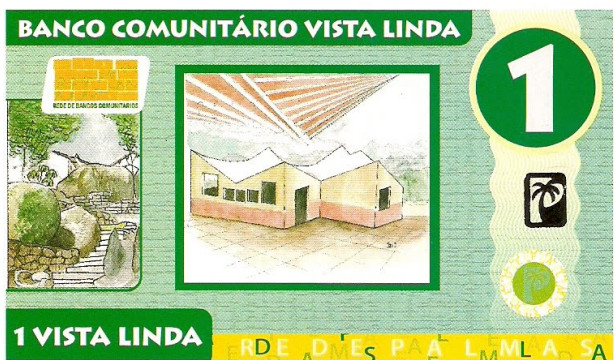
Atrás do Banco Palmas há um Laboratório de Agricultura Urbana, onde é observado quais plantas podem prosperar no solo do bairro ou cultivadas ao redor das casas. Encontram-se à disposição dos moradores sementes e mudas prontas a serem cultivadas.

A partir de 2005, a iniciativa foi difundida a outros municípios, e em 2009 já havia 40 bancos desse tipo no Brasil; atualmente, difundiram-se também para a região sudeste, Minas e São Paulo, havendo por volta de 80 bancos comunitários no território nacional.¹²

Estas são algumas das moedas sociais surgidas no país:



Moeda Social do Jardim Filhos da Terra,
Zona Norte da Capital Paulista

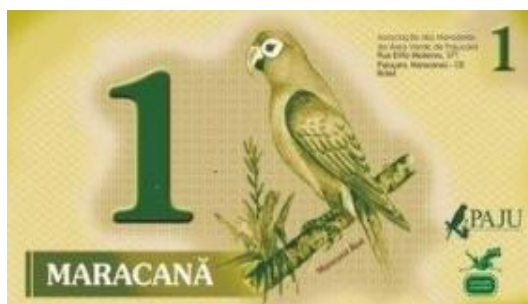


Moeda Social do bairro Jardim Donário, Zona
Oeste da Capital Paulista

¹² <http://economia.uol.com.br/album/2012/06/04/brasil-tem-81-moedas-alem-do-real.jhtm> e <http://jafeol.blogspot.com.br/2012/06/moedas-sociais-do-brasil.html> (Acessados em 14/01/13)



Moeda Social do município Silva Jardim, Rio de Janeiro



Moeda social da Comunidade de Pajuçara, Ceará



Moeda Social da Comunidade de São João do Arraial, Piauí

Pujantes em todo o Brasil, os Bancos Comunitários, com suas moedas sociais propiciaram a inclusão financeira e bancária de dezenas de comunidades, assentamentos rurais, núcleos quilombolas, além de agrupamentos de pescadores, indígenas etc, beneficiando, de imediato, cerca de 100 mil trabalhadores – sendo

atualmente quase um milhão. Esses bancos efetuaram parcerias com a Secretaria de Economia Solidária, Banco do Brasil, Petrobrás, universidades, prefeituras e governos estaduais. Em 2008, o governo do Ceará aprovou o Projeto Bancos Comunitários, surgindo a implantação de mais 10 bancos em municípios com baixos índices de desenvolvimento econômico e social. Na oportunidade, 25 bancos comunitários do Ceará beneficiaram 60 mil trabalhadores rurais e urbanos (fonte) O Instituto Palmas é Gestor de Rede dos Bancos Brasileiros, para implantação de Bancos Comunitários, fornecendo know-how, dando apoio e regulando a criação de Bancos Comunitários.¹³

1.6 Legislação e Moedas Sociais

Inúmeras leis incentivam e protegem a criação de moedas sociais. Coloca-se neste trabalho a referência à Carta Magna, uma vez que estabelece, em seu artigo 3º: “Constituem objetivos fundamentais da República Federativa do Brasil: Erradicar a pobreza e a marginalização, Reduzir as desigualdades sociais e regionais”; e, em seu artigo 23º: “É competência comum da União, dos Estados, do Distrito Federal e dos municípios: Combater as causas da pobreza e os fatores de marginalização, promovendo a integração social dos setores desfavorecidos”.

Também a Lei 4595 – Cap. II – do CMN estabelece, em seu artigo 3º: “A política do Conselho Monetário Nacional objetivará: Adaptar o volume dos meios de pagamento às reais necessidades da economia nacional e seu processo de desenvolvimento; Orientar a aplicação dos recursos das instituições financeiras, quer públicas, quer privadas, tendo em vista propiciar nas diferentes regiões do país condições favoráveis ao desenvolvimento harmônico da economia nacional”.

¹³ www.bancopalmas.com.br (acessado em 14/12/13)

CAPÍTULO 2

Visão Histórica dos Sistemas Econômicos Tradicionais à Luz da Psico-Sócio-Patologia

2.1 A Visão de Hubberman, Galbraith e Keppe

A humanidade, desde tempos imemoriais, sofre de problemas econômicos, lutas de classes e entre povos, guerras e violência para dominação de uns sobre outros, a tal ponto que levou Leo Hubbermann a escrever um livro denominado *História da Riqueza do Homem*, que ficou conhecido nos meios especializados como *História da Vergonha do Homem*, descrevendo o percurso fraudulento e violento da economia da Idade Média até a Segunda Guerra Mundial.¹⁴

John Kennet Galbraith discorreu de modo semelhante sobre esse assunto; em seu livro *A Era da Incerteza*, na página 1 escreveu:

“Em assuntos econômicos as decisões não são influenciadas somente por ideias e interesses escusos; ficarão sujeitos também à tirania das circunstâncias”. Na página 2: “Seria melhor não fecharmos os nossos olhos demais diante da ideia dos interesses escusos; as pessoas têm uma tendência pertinaz de proteger seus bens, de justificar o que desejam possuir.” (*apud* KEPPE, 1989, p. 67).

Sobre a obra desse autor, Keppe afirma o seguinte: “*Os que leram seu livro podem se lembrar que é a descrição da rapinagem que o homem empreendeu através dos tempos, e que nos trouxe para esta situação incerta*” (KEPPE, 1989, p. 67)

Os mesmos problemas econômicos, não resolvidos ou agravados, atravessaram os tempos, ao sabor da patologia humana do poder, e os princípios certos do passado – assim como os errados – continuam a ser corretos ou errôneos até hoje, pois a verdade é uma só em qualquer época ou lugar; e a evolução vem pela consciência do que é incorreto para que prevaleça o que é autêntico:

¹⁴ HUBERMMAN, Leo. *História da Riqueza do Homem*. São Paulo, Zahar Editores, 1981

A chamada ciência econômica foi colocada no papel mais a partir de Adam Smith, com o seu livro *A Riqueza das Nações* - mas, em si, ela já existia desde a Antiguidade. Estou dizendo que não é um fato novo na História da Humanidade. Sendo assim, as idéias econômicas que vigoravam na Idade Média e Antiga, não podem ser consideradas totalmente ineptas; por exemplo, a questão de usura que sempre foi condenada, e Jeremy Bentham escreveu todo um livro incentivando-a - aliás, o seu próprio nome diz tudo: *Defesa da Usura*. Ele é de opinião de que cada ser humano é o melhor juiz de seus lucros e bom por natureza, devendo ser deixado à vontade (Mack, M. P.: *Jeremy Bentham: An Odyssey of Ideas*). Vemos de imediato como ele estava completamente fora da realidade, não considerando toda a problemática humana: inveja, ódio e preguiça. Nesse sentido foi um correto seguidor de Adam Smith. (KEPPE, 1983, p. 65)

A situação atual de penúria foi também descrita no livro *Trabalho e Capital*:

“Quando se vê 1/3 da humanidade usufruindo de todos os seus bens, três problemas aparecem: 1) 2/3 dos seres humanos foram privados dos elementos básicos para a existência; 2) essa privação não foi realizada pelo 1/3, mas por aqueles que tomaram o poder econômico-social; 3) de uma certa maneira, todos estão sendo impedidos de se desenvolver, devido ao controle absoluto que é exercido sobre as riquezas, não só econômicas, mas científicas, espirituais, educacionais e artísticas. Uma economia não pode ser boa, se existem milhões de pobres e famintos no país; afinal de contas, a humanidade constitui uma grande família, e ninguém conseguirá se sentir bem, se enxergar seus parentes passando privação na soleira de sua porta - porque ele próprio, por força da injustiça social, poderá estar na mesma situação amanhã. (...) A humanidade, como sabemos, é paupérrima; e o pouco de riqueza que existe foi canalizado para as mãos de alguns que fazem de tudo para evitar que ela se expanda e beneficie a todos - porque a estrutura econômica não foi organizada para o povo, mas para as mãos de poucos” (KEPPE, 1989, p. 31).

Aliás, este autor previu, em 1989, com notável exatidão, o que iria acontecer (e de fato aconteceu em 2012) aos Estados Unidos:

“O país perdeu a antiga produtividade, ou melhor, parou de trabalhar. De modo que, não produzindo mais riqueza, está consumindo todos os bens que formou no passado - à semelhança das famílias nobres na Europa. Pois bem, os povos que ainda produzem (europeu, latino-americano e asiático) terão possibilidade de sair bem dessa crise, enquanto que o norte-americano passará por uma duríssima experiência, até que retorne à antiga atividade que o tornou tão conhecido. O leitor poderá notar que o mundo é sempre o mesmo, e uma lei que funcione hoje em dia é semelhante a outra que havia há 1 mil, 2 mil anos, ou mais tempo no passado.” (KEPPE, 1989, p. 66)

2.2 O Capitalismo

Sabe-se que Adam Smith (1723-1890) foi o pai do capitalismo, cometendo erros fundamentais, que se refletiram em inúmeras injustiças e dificuldades econômico-sociais, culminando com a crise econômico-financeira mundial dos dias de hoje (2013), provenientes da evolução do sistema capitalista para o neo-capitalismo de Keynes, e as ideias de Milton Friedman (especulação).

Segundo Keppe, Smith acreditou que a verdadeira riqueza residia no valor do uso, colocando seu fundamento no consumo (Crospey, J.: *Polity and Economy: An Interpretation of The Principies of Adam Smith*).

“Provavelmente, este foi o seu erro principal pois ao colocar a riqueza no denominado valor (monetário), per capita, Smith destruiu o valor do trabalho, em si (...) Atualmente, vemos como tal tese é errônea, porque difunde o uso de um número muito grande de objetos inteiramente desnecessários para a vida e uma quantidade excessiva de elementos necessários (vários carros, alimentação exorbitante, roupas, cosméticos). (...) o capitalismo tem colocado toda a sua esperança no aumento da produtividade, como se a humanidade fosse uma consumidora infinita — realçando sua idéia teomânica . De outro lado, estamos sendo privados das melhores coisas (técnicas e descobertas de alto nível) por não serem de grande consumo — estamos dentro de uma filosofia de vida mediocrizadora (...). Outra observação importante foi a valorização que ele deu ao trabalho, mas em função do ganho, subordinando o ser humano ao elemento material — daí, a famosa frase: exploração do homem pelo homem. (KEPPE, 1983, p. 218)

Adam Smith defendeu que ninguém melhor do que a própria pessoa para cuidar de si mesma, e que a luta pelos interesses individuais levava benefício a todos (sua idéia da mão invisível). Esta ideia, segundo Keppe, é errônea, pois quem sabe ganhar, ganha para si mesmo, e ainda tirando dos outros.

Esse problema, segundo o autor de *Trabalho e Capital*, ocorre por causa da psicopatologia que leva o indivíduo ganancioso a ganhar só para si, à custa da exploração dos outros, geralmente nada fazendo para ajudar seu semelhante, e sim para prejudicá-lo, como esclareceu no livro *A Libertação dos Povos – A Patologia do Poder*:

“Adam Smith, em seu livro *Wealth of Nations* (Riqueza das Nações), vol. 1, pág. 123, diz o seguinte: "A propriedade que todo homem tem de seu próprio trabalho, constituindo a base original de todas as outras propriedades, é a mais sagrada e inviolável. O patrimônio do pobre está na força e destreza de suas mãos; e impedi-lo de empregar essa força e destreza é uma violação evidente do mais sagrado direito. O julgamento de sua capacidade de ser empregado deve ficar a cargo dos empregadores". Notem a extrema malícia e sutileza de Smith ao se referir ao direito do rico em ter propriedades, do pobre em trabalhar, e do julgamento que os empregadores teriam o direito de fazer. Exatamente é esse o "espírito" que domina até hoje a nossa sociedade capitalista, socialista e a marxista." (KEPPE, 1987, p.135).

Assim sendo, segundo Keppe:

“As leis econômico-sociais não foram organizadas para defender o povo, mas para os que o exploram; somente uma pessoa muito esperta tem argumentos para se defender de qualquer acusação. Thorstein Bunde Veblen (1857-1929) poderá ser reconhecido agora, quando afirmou que: O pirata do século XVI transformou-se no homem de negócios do capitalismo moderno, e o barão que roubava na Idade Média assumiu as feições de um respeitável magnata financeiro. (Dowd. D.: Thorstein Veblen)” (KEPPE, 1989, p. 38).

Existe, de acordo com o criador da ciência da psico-sócio-patologia, uma enorme confusão entre liberdade democrática (que impulsiona o progresso) e liberdade para ganhar ilimitadamente do sistema econômico capitalista; a moeda é usada como um mecanismo de poder que, através do sadismo, mantém o domínio sobre a maior parte das pessoas, sugando-as através do juros e empobrecendo-as sobremaneira:

“Os capitalistas costumam dizer que é o tipo de sistema econômico que induz as pessoas a produzirem mais; pelo contrário, é devido ao regime democrático que permite a existência da liberdade a causa de tal esforço; aliás, o capitalismo (individual, ou de Estado: socialismo) constitui um empecilho para o desenvolvimento econômico. Não preciso repetir que ele (o capitalismo) impede o crescimento da economia do povo, canalizando-a para as mãos de somente alguns. O capital, em si, não é o problema, desde que pertencesse a todos, e houvesse uma lei justa - o grande mal moderno está na canalização das riquezas para o bolso de pouquíssimas pessoas” (KEPPE, 1989, p. 30)

2.3 O Comunismo (Capitalismo de Estado)

Keppe explica que, assim como o capitalismo valorizou o dinheiro em detrimento do trabalho, o mesmo fenômeno ocorreu com seu aparente antípoda, o comunismo, cujo livro- mestre chama-se significativamente *O Capital*:

Se Karl Marx (assim como Freud) foi tão bem aceito por grande parte da humanidade, é porque descobriu algo de enorme importância – e eu pessoalmente acredito que seja no mal que o sistema (ou os sistemas) capitalista vem causando para todas as nações e pessoas; por esta razão, ele viu a sociedade como sendo o local de alienação para o ser humano - o que não deixa de ser uma grande verdade também. No entanto, Marx criou um novo tipo de capitalismo de Estado, que se tornou pior ainda do que o capitalismo tradicional. Acredito que é fundamental perceber o que um gênio realiza de certo e de errado; neste caso, não podemos virar as costas a sua incrível percepção de que a organização econômica era nefasta para o ser humano - e que temos agora de encontrar um novo caminho para solucionar o problema. (KEPPE, 1989, p. 30)

2.4 Problemas econômicos atuais

Um dos maiores problemas econômico-sociais da civilização atual, de acordo com Keppe, seja nas sociedades capitalistas, socialistas ou ex-marxistas, é o uso errôneo do dinheiro:

Todas as pessoas têm a ideia de que a riqueza está no dinheiro, que foi incentivada pelos economistas capitalistas ou marxistas. Pela Trilogia Analítica, temos demonstrado que o dinheiro tem brecado o desenvolvimento da humanidade, devido ao modo como ele está sendo usado. E não só está atrapalhando, mas ocasionando guerras entre os países, e atritos entre os homens — porque o verdadeiro valor, que é a ação, o trabalho, foi colocado em posição secundária — como se o mais importante de uma árvore fossem os seus galhos, e não o tronco e as raízes (KEPPE, 1987, p. 97).

Como se vê, não basta a criação de uma moeda social, mas, numa visão keppeana, trológica, sua aquisição primária e uso deve estar condicionada a um trabalho em benefício da comunidade – estimulando, desse modo, o bem-estar geral, como é apresentado no capítulo III. Se não for feito desse modo, incorrer-se-á nos mesmos erros do sistema econômico atual, como afirma Keppe no livro acima citado, p 97: *“O Sistema Financeiro não foi criado para benefício das nações e povos, mas para o enriquecimento dos banqueiros e especuladores, aliás, como todos os empreendimentos que eles realizaram no mundo”*.

CAPÍTULO 3

Correlação Entre a Patologia do Setor Econômico e os Modelos de Educação Atuais

Todos esses problemas são mantidos e agravados pelo tipo de educação existente na civilização atual (em praticamente todos os países) a qual não é conscientizadora da psicopatologia (portanto, sendo alienante) nem voltada para o empreendedorismo e o uso honesto do dinheiro em prol da comunidade; porém, se a educação for reformulada para se tornar conscientizadora, terapêutica e atraente, resultados muito diferentes podem ser obtidos em toda a vida social incluindo o modo de trabalho e o uso do dinheiro:

A escola é organizada em forma de servir aos interesses dos poderes constituídos, e não ao povo, e a nação. As matérias estudadas, chamadas de currículo, o número de escolas de primeiro e segundo grau,¹⁵ as Universidades são formadas de acordo com o mesmo tipo de interesse. Assim sendo, alunos e professores têm de aprender e ensinar, não o que sabem e querem, mas o que é conforme o desejo dos poderosos. Se faltam técnicos no país, criam-se cursos especializados; se faltam professores, escolas para formá-los, e assim por diante” (KEPPE, 1987, p. 120).

Segundo o criador da ciência da psico-sócio-patologia, a educação deveria ser conscientizadora, ajudando os educandos a controlar as emoções doentias, saindo da atitude egoísta para uma voltada a beneficiar a coletividade:

Não é difícil notar que os indivíduos que se conduzem pelas emoções são muito frios e insensíveis ao amor; eles não são propriamente indiferentes ao afeto, mas antagônicos a ele; as crianças demonstram claramente tal conduta extremamente voluntariosa, que as torna difíceis no relacionamento. A esperança na educação é que, com o tempo, renunciem ao seu egocentrismo, para se voltarem para o mundo exterior e à realidade – abandonando as emoções doentias, para finalmente usar o raciocínio. Veja o leitor como o intuito dos filósofos foi altamente louvável durante todos estes séculos – a vivência com a autêntica razão é o único meio para a humanidade amadurecer (KEPPE, 2000, p. 27).

¹⁵ As escolas de 1º e 2º graus chamam-se hoje ensino fundamental e médio.

Um sistema “educacional” meramente informativo, que deixa de conscientizar o ser humano de sua psicopatologia está fadado a ocasionar a ruína psicossocial, no entender de Keppe:

O problema fundamental da humanidade é o da psicopatologia, que organizou uma sociedade doente, criando uma situação praticamente irrecuperável para a vida psíquica; caso não seja conscientizado o magno problema do ser humano, a inveja, será impossível organizar uma verdadeira civilização. A inveja fez o homem fechar os olhos para a realidade, colocando uma escuridão entre ele e a incrível vida e beleza, que emanam de todas as maravilhas criadas por Deus; deixamos de entender as leis que vigoram na criação, o que nos impede de entrar pelo verdadeiro rumo do desenvolvimento. Podemos dizer que criamos trevas ao nosso redor, e estamos agora tateando no escuro; mas é possível sair dessa situação através da percepção da inveja, para que possamos enxergar novamente o que realmente existe (KEPPE, 1989, p. 21)

Do ponto de vista da educação para o trabalho e o uso correto das riquezas, é necessário perceber que o ensino atual desencaminha o educando, levando-o a um caminho invertido (competição, ao invés de cooperação, egoísmo, em lugar de generosidade, valorização do dinheiro, ao invés do trabalho entre outros aspectos), como afirma Keppe:

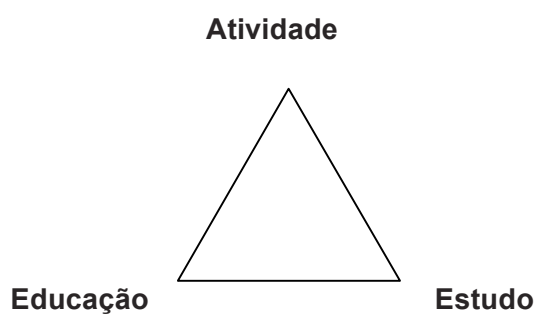
É fundamental saber que o indivíduo enlouquece por se estagnar, ou dirigir sua ação por um caminho errôneo (roubo, desonestidade, exploração alheia); assim sendo, torna-se extremamente difícil fazer com que os neuróticos e psicóticos voltem ao trabalho correto, a não ser que conscientizem a causa de tal conduta, ou melhor, a inversão que fizeram em suas existências, como consequência da inveja (...) O ser humano organizou instituições fechadas e isoladas umas das outras, como se fossem grupos esquizofrênicos em luta; o médico não conhece nada de finanças, o economista ignora a psicologia, o pesquisador nem sempre sabe o que sua firma pretende, e o estudante não percebe a finalidade de seus estudos; mas de modo geral, todos eles estão a serviço de um grupo diminuto de pessoas, que organizam tais estruturas para seu próprio benefício. (KEPPE . 1989 p. 22-3).

Numa visão a partir da perspectiva do paradigma da ciência keppeana da psico-sócio-patologia é preciso que a educação valorize o trabalho e a ética, além do estudo, evidentemente, e não a especulação financeira, o consumismo e o egoísmo como vem acontecendo. Os próprios pais e professores precisariam tomar consciência da importância fundamental do trabalho na vida da criança, tendo em vista que depois de crescida passará a maior parte de sua existência trabalhando. Para evitar que tenham uma atitude teórica, inútil e improdutiva no futuro precisam já na infância ser incentivadas a fazer pequenos trabalhos em casa e na escola, como jardinagem, limpeza, organização, pintura, artesanato, enfeites etc., além das demais atividades (estudo, artes, práticas desportivas). Isso pode ser extremamente motivacional com o uso (trilógico) das redes de trocas e moedas sociais entre as crianças.

Vivemos em uma sociedade cuja valorização é dada ao dinheiro e não ao ser humano. Por isso, tudo aquilo que se refere à cultura, aos valores, à realidade, etc. é colocado em segundo plano. O que é principal foi deixado de lado e ao que é secundário dá-se extrema importância. Essa situação faz com que a educação torne-se desligada da realidade da criança e assim se transforma em algo desinteressante. Assim sendo, a criança aprende desde cedo que a realidade é algo chato e a fantasia é boa. Quando o adolescente sai da escola, está pronto para rejeitar todo e qualquer esforço, procurando alienar-se cada vez mais. Para agravar a situação, os meios de comunicação transmitem uma filosofia de vida irreal ao incentivarem uma vida de prazer, onde o esforço é desprezado e tudo pode acontecer num passe de mágica. A fantasia é supervalorizada e a realidade é menosprezada (SIMULA, 1987 p.259)

No que se refere ao método educacional, afirma Keppe que sua finalidade é conscientizar a criança do valor da ética, preparando o aluno para o estudo e o trabalho, caso contrário terá fracassado em sua finalidade. Esses três elementos: ética, estudo e trabalho estão intimamente correlacionados. Assim, a ética mais o estudo desenvolvem a capacidade de trabalho; a ética mais o trabalho desenvolvem a criança em seus estudos, e o trabalho mais o estudo tornam a criança mais ética:

Os três elementos principais da vida do ser humano são: 1) a educação, 2) o estudo e 3) o trabalho; o primeiro é o fundamental, que gerará o estudo, e pela combinação dos dois assim será sua atividade. Porém, o mais importante de todos é a educação por causa de sua função ética. O trabalho é uma fusão de estudo e educação, assim como o último fruto do trabalho e estudo, e este o resultado do trabalho com a educação:



Falei que a educação é a mais importante porque ela tem obrigação de introduzir o educando nos dois campos: do estudo e do trabalho – caso contrário, terá falhado em sua finalidade (KEPPE, 2000, p.178)

Percebe-se que, pelo seu valor fundamental, a educação tem de preparar, desde cedo, a criança para o trabalho e estudo honestos, e para o uso generoso (voltado para a justiça social) dos proventos que com eles possa auferir.

CAPÍTULO 4

Trino e Mercatrina: A Experiência da Economia Alternativa Trilógica em Cambuquira (MG)

4.1 Histórico

A criação de uma economia alternativa solidária trilógica em Cambuquira insere-se dentro da campanha AÇÃO NO BEM, criada em 2003 e iniciada em janeiro de 2004, pela Associação Stop a Destruição do Mundo, fundada e presidida por Cláudia B.S. Pacheco, sendo sua principal orientação científica e filosófica a Psicanálise Integral ou Trilogia Analítica criada por Keppe.

A Associação STOP desenvolve uma série de programas de conscientização (por rádio, fóruns, TV, Jornal, livros e trabalho de campo) que têm como finalidade proporcionar aos interessados meios práticos de realizar o Bem ao próximo, desenvolvendo uma socioterapia que visa a recuperação do ser humano e de sua sociedade.¹⁶

A convite de moradores da cidade, a STOP engajou-se num projeto de auxiliar a recuperação de Cambuquira (MG), que no início do século passado era chamada de Capital do Circuito das Águas.

Detentor da melhor água mineral do mundo e das melhores águas medicinais, o município, com 15 hotéis e um Cassino em funcionamento, atraía turistas do mundo inteiro e de todo o Brasil. Tinha pleno emprego e uma renda elevada entre os moradores. Com a desativação do cassino (Hotel Elite, hoje em ruínas), o movimento decaiu sensivelmente. A deterioração do Parque das Águas, abandonado pelo poder público (e só agora recuperado – 2013) afastou os turistas que lá iam em busca de banhos e águas medicinais. A medicina alopática, tendo parado de receitar bons climas e cura natural pelas águas, em favor de receitar medicamentos dos grandes laboratórios, desfechou o golpe final à cidade, que tem hoje cinco hotéis em funcionamento, alguns em condições precárias.

¹⁶ www.stop.org.br

4.2. Renascimento pelas Artes

O primeiro propósito da Associação STOP foi recuperar a cidade através das artes, organizando o Primeiro Festival Internacional de Artes de Cambuquira, em 2004 (julho), que atraiu centenas de turistas e artistas de várias partes do Brasil e do mundo. Os festivais continuaram acontecendo no Grande Hotel Empresa (que estava fechado havia 9 anos e foi adquirido, reformado e reaberto pela STOP para sediar os eventos, passando a se chamar Grande Hotel Trilogia).

Pouco a pouco, a Associação passou a organizar projetos sócio-econômicos, visando a recuperação mais rápida da cidade, juntamente com os espetáculos artísticos e atividades culturais.

4.3. O Trino

Com a finalidade de erradicar os bolsões de pobreza e estimular o trabalho de pessoas que até então encontravam-se desempregadas, foi criado o “Trino”, um papel de controle equivalente da moeda social, para distribuição de alimentos, roupas e calçados, materiais escolares e de escritórios, serviços em geral (manicure, cabeleireiro, aulas particulares de idiomas, arte e reforço escolar etc.), bens de uso geral (utilidades domésticas, ferramentas, eletrodomésticos), recebidos através de doações.

Esse papel de controle, obtido por pessoas que prestam um serviço à comunidade local, forma de estimular a ação boa, bela e autêntica, pode ser trocado por mercadorias no “Mercatrino”, que armazena as doações recebidas para o projeto. Percebe-se aqui o intuito terapêutico, pois, segundo Keppe, a sanidade advém do ato puro (ação boa, bela e verdadeira), que deve, portanto, ser estimulada.

O trino é considerado um instrumento de desenvolvimento local, destinado a beneficiar o mercado de trabalho dos grupos que participam da economia da localidade. Seu uso é restrito à comunidade, e a sua circulação beneficia a redistribuição dos recursos na esfera da própria comunidade. O aumento da quantidade desse papel corresponde ao aumento das transações realizadas pelos participantes da economia local.

Sua criação se inspira nos conceitos da economia solidária de articulação e trocas da economia, na produção e comercialização de produtos que vai além da lógica capitalista, por beneficiar a comunidade local e trazer desenvolvimento.

4.4. O Mercatrino

O Mercatrino é um mercado comunitário, onde as pessoas só podem adquirir produtos através do papel de controle Trino. Busca atender três projetos da Ação no Bem: “Alimento para Todos”, “Vestuário para Todos” e “Moradia para todos”.

O mercado comunitário “Mercatrino” atualmente atende a comunidade através da troca dos Trinos por mercadorias, principalmente por gêneros alimentícios básicos, vindo sobretudo por meio de doações.

A produção da Horta Comunitária, mesmo em fase inicial de implantação, já está sendo direcionada para o “Mercatrino” e está servindo não somente como área de trabalho, mas também como escola, onde os voluntários aprendem o plantio, as técnicas de compostagem e recebem esclarecimentos sobre a importância dos alimentos orgânicos, livres dos agrotóxicos (alimentos de qualidade).

Quanto ao projeto “Vestuário para Todos”, os primeiros passos no sentido de atender seus objetivos foram dados em São Paulo, com a captação de doações pelos professores da Escola de Linguas Millennium, que participam do projeto. Essas doações foram encaminhadas para o Mercatrino, onde as pessoas podem usufruir de vestuário a preços simbólicos, adquiridos com o papel de controle de Cambuquira o “Trino”. Após o bem sucedido curso de costura, ministrado pelo Projeto “Crescer com Arte”, onde cerca de 80 alunas receberam aulas gratuitas e treinamento, um novo passo foi dado: a criação de uma Fábrica de Camisas, que irá gerar renda para a expansão do projeto.

Para auxiliar o projeto “Moradia para todos” a STOP está organizando aulas de fabricação de tijolos ecológicos que poderão ser desenvolvidos posteriormente pelos próprios aprendizes; inúmeros cursos artísticos e profissionalizantes somam-se a essas iniciativas, como curso de cabelereiro, piano, violão, pintura em azulejos entre outros¹⁷

¹⁷ www.acaonobem.org

4.5. Usuários do Trino - Entrevistas

Para estudarmos o impacto das iniciativas da economia alternativa em Cambuquira, entrevistamos alguns dos usuários do trino e mercatrino.

4.5.1 C. F.

Mãe de duas filhas, de 10 e de 3 anos, é proprietária de uma lanchonete e mercadinho no Bairro Alto. Ela diz que serve lanches e é “salgadeira” porque faz salgado de encomendas, salgados para festa e para vender no balcão, um pouco de cada coisa.

Pergunta: Como soube do Trino?

Resposta: Através do pessoal lá de dentro do Hotel Trilogia, do Zé Daleza, o cozinheiro do Hotel.

Pergunta: Como fez para receber Trino?

Resposta: De início um dos voluntários do projeto comunitário lá do hotel passou um pouco de mercadoria do Mercatrino, e informou as pessoas que poderiam trocar comigo por trino, aí começou a girar, eles chegam aqui dou a mercadoria e recebo trino.

Pergunta: Que mercadoria é mais trocada com o trino?

Resposta: Arroz, feijão, óleo, leite, açúcar, macarrão, molho, sardinhas.

Pergunta: E o pessoal que vem aqui está contente com o trino?

Resposta: Gostam sim, e dá para suprir uma necessidade dentro de casa. O Trino é bastante acessível, você vai lá faz um trabalho comunitário e troca por trino, e tem um lugar onde pode trocar, é um papel de troca que tem como trocar, porém somente em alguns lugares que se compra com o trino, na falta do real tendo o trino ela tem o necessário. E o pessoal que vem aqui trocar o trino acaba comprando outras coisas de nosso mercadinho com o real que economizaram. Portanto é bom para nós também, e ainda aumentou nosso movimento.

4.5.2 – R.S.

Casado, tem 4 filhos fazia vários serviços na cidade.

Pergunta: Como soube do Trino?

Resposta: Através do projeto dos tijolos ecológicos que as mulheres me chamaram para fazer. Fazendo tijolos nos meus tempos livres ganho o trino.

Pergunta: O que dá pra fazer com os trinos que ganha?

Resposta: Tem o mercado, o Mercatrino, vou lá e troco por roupas, sapatos, comida, macarrão, óleo, molho, farinha de trigo. Isso ajudou bem, tá ajudando até hoje. Com o real que ganho de outros trabalhos, pago o aluguel e a luz e com o trino consigo comida e roupas, uma coisa complementa a outra: com o trino temos roupas e mantimentos, há mais de 6 meses que não compro comida em supermercado, até consegui comprar com os reais que economizei uma Antena parabólica que não tinha, estas lâmpadas compactas. Os que trabalham e recebem trino, estão preocupados, querendo mais projetos para ganhar em trino, mas os que nunca viram trino não entendem. Costumo mostrar o trino para as pessoas no comércio, no armazém, na farmácia, ficam interessados e dizem que vão pensar no assunto. E, além de eu trocar por mantimentos no Mercatrino, tem a Andreia que recebe trinos em troca de serviço de manicure, o restaurante Igrejinha da Lú, que durante o dia serve almoço e a noite tem a sopa e recebe em trino, quando não vamos lá ela sente falta. Tem pessoas que visitam o Mercatrino gostam das coisas mas não podem comprar porque não têm trino. Aí falam conosco para trocar os trinos por reais para adquirirem o que gostam no Mercatrino. A troca é 10 trinos por 10 reais, mas como as coisas no mercatrino são mais baratas, é vantagem para a pessoa ter o trino. Tem também o armazém do J.C., que aceita uma parte em trino e outra parte em real. Eu e também as outras meninas dos tijolos gostaríamos que expandisse o projeto.

4.5.3 - J.C.

Proprietário de um supermercado e de uma borracharia.

Pergunta: Como soube do trino?

Resposta: Através do projeto ação no bem. Eu me cadastrei para receber trino no meu mercado e notei que muitas pessoas vêm de outros bairros, e compram em trino e em real, são pessoas que nunca viriam antes no meu supermercado.

Acho este projeto muito importante porque movimenta a nossa economia local, junta as pessoas, há um movimento positivo.

CONCLUSÃO

Tendo em vista os altos benefícios que acarreta, vê-se a necessidade de difusão do conhecimento da moeda social ao maior número de pessoas; sugerimos que tal difusão se faça no ensino fundamental, médio e universitário, para incentivar seu uso.

Isso é fundamental, para transmitir aos alunos os meios como estes podem gerar trabalho e bem-estar para si próprios, através da economia alternativa.

Como atividades pedagógicas, os estudantes podem formar um laboratório de redes de trocas, usando a moeda social, obtida com um trabalho para a comunidade (para a escola, por exemplo).

Desse modo, eles irão perceber o quanto podem criar, participar e mobilizar a escola inicialmente com esta dinâmica. Até mesmo se preparar, de uma certa maneira, para saber o que fazer no caso de um *crash* no sistema financeiro.

Devido aos benefícios psíquicos que acarreta, tal ensino precisaria ser ministrado não só em comunidades carentes, mas o ideal seria em todas escolas, porque os jovens que podem estudar em colégios particulares estão tendo também muitos problemas psicossociais como dificuldades de conviver na sociedade, vícios etc. Estimulá-los a construir e a viver num sistema econômico-social mais justo, acarretará um maior equilíbrio e sanidade, além da alegria de poderem fazer o bem ao semelhante.

Os jovens devem aprender a fazer rede de trocas na sua comunidade, como usar a moeda social como meio de desenvolver uma região com muita dificuldade de subsistência, de modo a acabar com a pobreza e ao mesmo tempo promover o desenvolvimento e a melhoria da qualidade de vida para todos. Ao mesmo tempo, precisam ser conscientizados dos erros sócio-econômicos (sociopatologia) para poderem ajudar a civilização a se desenvolver no futuro. A finalidade é que saiam sabendo já no último ano do ensino fundamental o que é, e para que serve a moeda complementar, e no final do ensino médio sejam capazes de organizar uma rede de troca solidária e saibam produzir algum produto ou serviço útil para a coletividade a que pertencem, que cada um seja um agente de consciência na família e amigos próximos. Que possibilitem a todos ter moradia, alimentação e vestuário e

desenvolver os dons artísticos e esportivos, que façam isto como um prazer e não obrigação de ter que fazer trabalho para avaliação.

Seria uma maneira prática e simples de praticar a cidadania, de conscientizar a função de cada ser humano começando no meio ao qual pertence (escola, casa, bairro). Com o tempo pode haver intercâmbio entre as escolas, para que os estudantes possam compartilhar experiências.

Com isso os professores estarão ajudando os estudantes a preencher uma grande lacuna, pois a maior dificuldade dos jovens é encontrar trabalho, uma vez que ficam pensando que a única possibilidade seria através de um emprego. No entanto, eles podem ser ensinados desde pequeninos a possibilidade de gerar seus próprios meios econômicos para sobreviver, viver bem e contribuir para a coletividade, através de oficinas pedagógicas terapêuticas (trilógicas).

Numa visão trilógica, isso significa popularizar esta prática como meio de psicoterapizar a sociedade.

É claro que o método de ensino, os recursos pedagógicos para atingir tal finalidade serão desenvolvidos pelos professores, que são especialistas na transmissão de conhecimento para infância e juventude.

Isto não impede de serem alinhadas aqui algumas sugestões, uma delas seria a organização de uma feira de troca de bens, serviços e saberes entre estudantes e também uma feira de troca de livros da rede escolar que seria uma medida ecológica. Sugestão: fazer lista de e-mails dos alunos da escola, fazer uma comunidade no facebook, fazer um blog divulgando a atividade, espalhar a informação pelo twitter e outras redes sociais; fazer um cartaz ou folhetos com dicas para divulgar entre estudantes e seus familiares e até envolver a comunidade.

É fundamental ensinar o empreendedorismo trilógicos através do uso da moeda social, dos bancos comunitários, e dos clubes de troca dentro da escola.

BIBLIOGRAFIA

HUBERMMAN, Leo. *História da Riqueza do Homem*. São Paulo, Zahar Editores 1981

KEPPE, Norberto. *O Reino do Homem*, vol. 2. São Paulo, Proton Editora, 1983

KEPPE, Norberto. *A Libertação dos Povos – A Patologia do Poder*. São Paulo, Proton Editora, 1987.

SIMULA, Suely M. Keppe. *Educação Moderna: formação para a escravidão*. In: -- --

KEPPE, Norberto. *A Libertação dos Povos – A Patologia do Poder*. São Paulo, Proton Editora, 1987.

KEPPE, Norberto. *Trabalho e Capital*. São Paulo, Proton Editora, 1989.

ANEXOS

Endereços na internet para acessar sobre o assunto:

Rede Paulista de Bancos Comunitários

<http://bancoscomunitariosp.wordpress.com/about/>

(Traz artigos informativos sobre bancos comunitários, como o de Apuanã, da comunidade Jardim Filhos da Terra, na Zona Norte da Capital Paulista (foto abaixo)



Moedas Sociais Brasileiras

http://www.ativbs.com.br/infografico/saopaulo.php?id=55&id_regiao2=4

(Traz uma radiografia dos bancos comunitários brasileiros, bastando clicar nas cidades constantes no mapa do país ou do Estado para localizá-los, trazendo ainda fotos das moedas sociais, como abaixo:



Moeda Social do Jardim Inácio Monteiro (Cidade Tiradentes)
Zona Leste da Capital Paulista

Banco Comunitário

<http://bancocomunitario.com/>

Link geral de pesquisa
para quase todas as moedas sociais existentes.

https://www.google.com/search?hl=pt-BR&gl=br&q=Moeda+Social&lr=lang_pt-BR

<http://www.bancopalmas.org.br/oktiva.net/1235/secao/10043>
<http://www.bancopalmas.org.br/oktiva.net/1235/secao/23739>

Heloisa Primavera

<http://www.heloisaprimavera.com.ar>

www.financassolidarias.com.br

Heloisa Primavera falando sobre moedas sociais/finanças

Heloisa Primavera/ Incubadora Tecnológicas de Cooperativas

[Itcpfgv.org.br/tag/Heloisa-primavera](http://itcpfgv.org.br/tag/Heloisa-primavera)

Monetary Regionalisation / Profª Heloisa Primavera

[www.monetary-regionalisation.de/..](http://www.monetary-regionalisation.de/)

Paul Singer - Economia Solidária é a alternativa ao Capitalismo

[http://www.youtube.com/watch? GGIkewao](http://www.youtube.com/watch?GGIkewao)

Moedas além do Real

<http://www.gazetadopovo.com.br/vidaecidadania/conteudo.phtml?id=1185443>

Moedas sociais viram garantia de desenvolvimento regional

[HTTP://economia.uol.br/album/2012/06/04/brasil-tem-81moedas-alem-do-rea/ljhtm](http://economia.uol.br/album/2012/06/04/brasil-tem-81moedas-alem-do-rea/ljhtm)

Paul Singer: Economia Solidária

www.geomundo.com.br/geografia-30234.htm

Moedas sociais

<http://www.portaldedesenvolvimento.org.br/?p=3560>

Rede de Comercialização Solidária reúne
empreendimentos de 12 municípios de RN

<http://redexiquexique.blogspot.com>

Almanaque do adolescente

<http://www.almanaquedoadolescente.com.br/2009/05/29/rede-troca-troca-almanaque-do-adolescente/>

Internacional

Canadá - Toronto

<http://oitoronto.com.br/2254/o-beneficio-das-moedas-sociais-para-as-comunidade>

Economia solidária (trilógica)

www.stop.org.br

www.libertacaodospovos.org

www.acaonobem.org.br

www.trilogia.ws